

XVI JOGOS OLÍMPICOS 1956 MELBOURNE

DE INÍCIO, UMA BRIGA ENTRE SYDNEY E MELBOURNE QUASE AMEAÇA A REALIZAÇÃO DOS JOGOS. DEPOIS, MAIS PROBLEMAS E CONFUSÃO. MAS TUDO TERMINA COM FINAL FELIZ: INCLUSIVE COM VÊU E GRINALDA.

Cladada no seu carro, Harold Connolly, professor da Universidade de Boston, tinha uma fotografia da qual sempre que possível, não tirava os olhos. Não era de uma estrela de cinema, ou de um líder político, ou de qualquer outra pessoa pela qual tivesse especial admiração, mas de Mikhail Krivonozov, atleta soviético que acabara de estabelecer novo recorde mundial do lançamento de martelo. Desde janeiro de 1956, quando soube que tinha grande chance de representar os Estados Unidos na prova olímpica daquela modalidade, Connolly mantinha a fotografia no mesmo lugar.

— É para que eu não me esqueça dele — costumava explicar.

Harold e Olga vão longe para se conhecer

Uma medalha olímpica pode significar muita coisa para muitos atletas. Para Connolly, que nasceu com um braço mais curto do que o outro e ainda sofrera várias fraturas jogando futebol nos tempos de garoto, uma medalha olímpica teria, logicamente, um significado maior ainda. No mínimo, seria uma prova de sua capacidade de superação. Por causa do braço (e das fraturas que agravaram a deformidade de nascença), ele não pôde praticar, na universidade, o seu esporte favorito: o futebol. E por causa do braço, cuja musculatura atrofiada exigia exercícios especiais, ele acabou se dedicando a uma modalidade atlética que, normalmente, não seduzia ninguém: o lançamento do martelo.

A milhares de quilômetros de Boston, onde Connolly vivia, alguém mais sonhava com uma medalha olímpica: Olga Fikotova, bonita estudante tcheca, nascida e criada em Praga, onde sua infância

não fora muito melhor do que a daquele professor americano. Vinha de uma família extremamente pobre, teve vários parentes mortos na guerra e ela mesma, quando menina, quase não resistiu a uma pneumonia dupla. Agora, porém, já não pensava no passado. Pretendia formar-se como professora e, nas horas de folga, dedicava-se ao lançamento do disco. Ganhar uma medalha de ouro seria, certamente, seu primeiro prêmio na vida.

Enquanto Harold Connolly e Olga Fikotova alimentavam seus sonhos, Melbourne preparava-se para sediar os XVI Jogos Olímpicos da era moderna. A cidade fora



Dois medalhas de ouro para Vladimir Kutz (URSS), em 1956: 5 000 e 10 000 metros.

escolhida quase por unanimidade pelos membros do Comitê Olímpico Internacional, como sucessora de Helsinque na rota do movimento universal idealizado por Pierre de Coubertin. Uma escolha, segundo todos, mais do que merecida.

Poucos povos amam tanto o esporte como o australiano. Muitas vezes, este país de dimensões continentais, isolado de todos os outros no hemisfério sul, levou seu amor ao esporte aos limites da paixão. Paixão que produziu alguns campeões admiráveis na natação, no atletismo e no tênis. E paixão que resultou em problemas político-esportivos enfrentados sem a chamada frieza britânica.

Um desses problemas surgiu durante os preparativos da Austrália para os XVI Jogos Olímpicos. Tão grande era a rivalidade entre as duas principais cidades do país

Sydney e Melbourne — que o próprio êxito da festa esteve ameaçado. Sydney, a capital, achava que deveria ter sido escolhida em lugar de Melbourne. Por isso, enciumada, sugeriu que não daria nenhuma ajuda à cidade rival. Paralelamente a isso, a política causava alguns efeitos negativos: de um lado, o primeiro-ministro Robert Gordon Menzies exigia que toda a Austrália desse o seu apoio a Melbourne; do outro, o líder do partido de oposição, John Cain, batia-se pela soberania de Sydney, achando que a capital tinha todo o direito de não pagar pelas responsabilidades assumidas por Melbourne. Em 1953, quando esses problemas chegaram ao conhecimento do Comitê Olímpico Internacional, seu presidente, Avery Brundage, pediu "informações oficiais da situação". E lembrou que, naquela altura, Roma, sede dos Jogos Olímpicos de 1960, estava com seus preparativos bem mais adiantados do que Melbourne.

Harold vai trocar o retrato por um amor

Mas a paixão do esporte — se tantas vezes pode separar — também pode provocar inesperadas uniões de força. E Melbourne, com ajuda de toda a Austrália, conseguiu ficar pronta em tempo para receber os três mil e tantos atletas oficialmente inscritos. O que não impediu que os mesmos membros do Comitê Olímpico Internacional, que haviam escolhido a cidade como sede, se arrependessem profundamente. lamentando terem preferido outras candidatas, como Lausanne e Budapeste.

Em primeiro lugar, as competições não seriam durante o verão europeu e americano, mas no verão australiano, que correspondia ao inverno da maioria dos

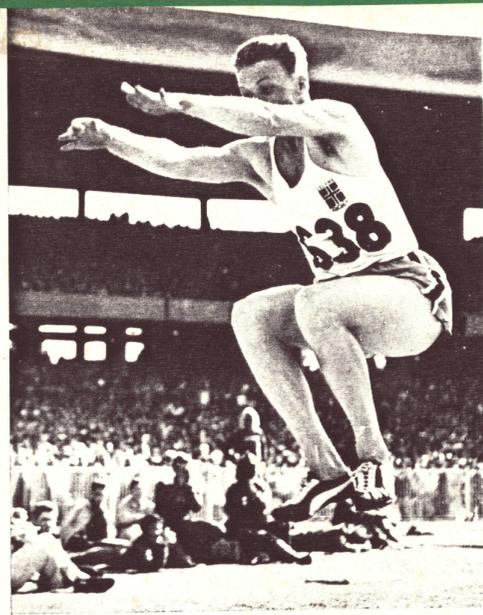


Pat McCormick (EUA), repetindo Helsinque-52: medalha de ouro em saltos ornamentais.

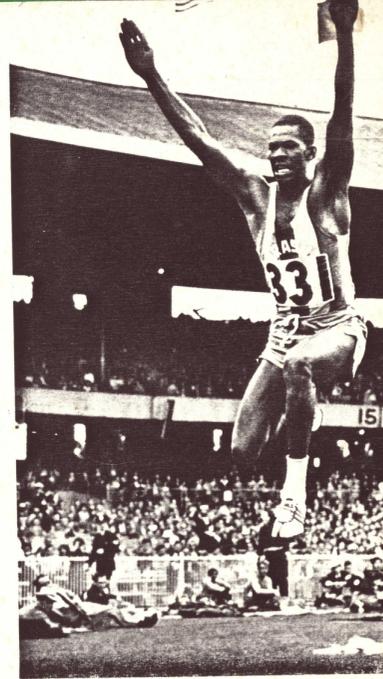
países participantes. Depois, a distância: os gastos para o transporte das delegações foram muito elevados. Finalmente, um problema que afetou diretamente o hipismo: os australianos mantinham uma rigorosa lei de quarentena para os cavalos estrangeiros que chegassem ao país. Como resultado, todas as provas desse esporte tiveram de se realizar, não em Melbourne, mas em Estocolmo (Suécia).

Apesar de tudo, ninguém discute que, em termos de organização, os australianos acabaram superando os finlandeses. Talvez a Vila Olímpica não fosse tão confortável. Podia-se criticar o fato de não ter sido construído um grande estádio olímpico, como em Helsinque, já que os australianos limitaram-se a adaptar o do Melbourne Cricket Ground. Mas nada faltou aos atletas e turistas que viajaram tantos quilômetros para mais uma festa olímpica. Os atletas puderam ganhar suas medalhas e bater os seus recordes. Os turistas — em número bem menor do que os de Helsinque — puderam viver emoções inesquecíveis.

Foi em Melbourne que começou a se quebrar o gelo entre americanos e soviéticos, criado quatro anos antes, quando a imprensa dos dois países transformou numa espécie de "guerra fria esportiva" cada uma das provas disputadas em Helsinque. Atletas, de um lado e do outro, eram vistos juntos, na Vila Olímpica, jogando cartas, xa-

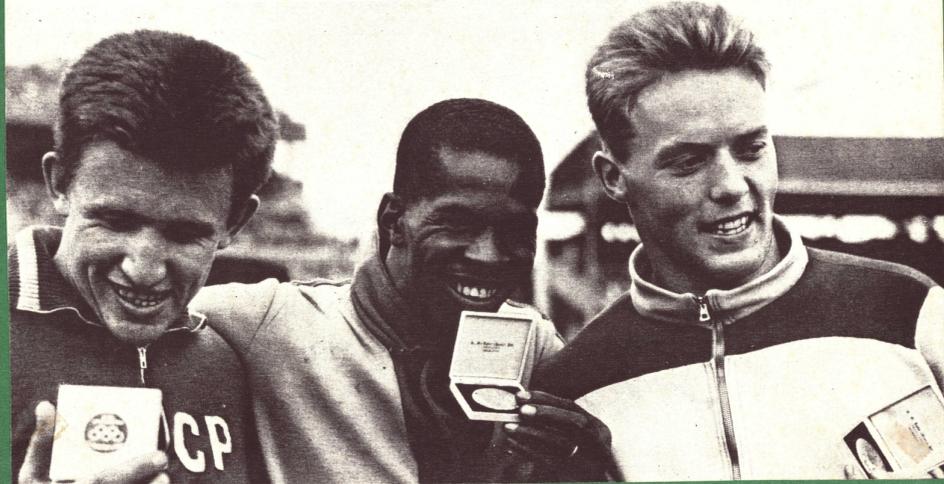


Einarsson, the Silver Medalist.



Ferreira da Silva gains his second Gold Medal.

Kreer, Ferreira da Silva and Einarsson after the presentation.



lrez ou até dançando, guardando toda a rivalidade para a hora em que teriam de lutar por suas medalhas de ouro. Outros países do grupo socialista também se juntaram a essa confraternização, incentivados em parte, pela simpática neutralidade australiana. Foi durante uma festa informal, na Vila Olímpica, que Harold Connolly e Olga Fikotova se conheceram. E desde esse dia ele passou a pensar menos em Krivonozov.

Um final feliz, com véu e grinalda

De 22 de novembro a 8 de dezembro de 1956, verão australiano, inverno europeu e americano, os campeões olímpicos subiram ao pódio para receber suas medalhas. Os mais destacados, entre todos, foram o notável fundista soviético Vladimir Kutz, vencedor dos 5 000 e 10 000 metros; a americana Pat McCormick, que repetiu os seus feitos de Helsinque, triunfando nos saltos ornamentais de trampolim e plataforma; o reverendo Robert Richards, também bicampeão do salto com vara; o brasileiro Ademar Ferreira da Silva, outro bicampeão que confirmava o seu favoritismo no salto triplo; e as ginastas soviéticas, quase absolutas em sua especialidade. Os australianos, donos da festa, brilharam na natação, cujas provas alcançaram índices técnicos excepcionais. Uma de suas campeãs, Dawn Fraser, talvez a maior velocista da história, iniciava então a série de vitórias nos 100 metros, estilo livre, que oito anos mais tarde a transformaria na primeira tricampeã olímpica da história na natação.

A vitória de Connolly sobre Krivonozov não deixou de ser o resultado mais surpreendente do atletismo. Antes da prova, em

inglês, o soviético teria dito ao americano: — Vou vencê-lo sem dificuldade.

Ao que Connolly respondeu: — Veremos.

O soviético lançou o martelo a uma distância de 63,03 metros. O americano, com seu braço mais curto, superou-o por 16 centímetros. Depois do distribuídas as medalhas, Krivonozov chegou perto de Connolly, cumprimentou-o e perguntou: — Agora, o que vai você fazer com a minha fotografia?

Connolly, meio embaraçado, pois não imaginava que Krivonozov soubesse tanto a seu respeito, sorriu e disse: — Tirá-la de onde está. Eu já consegui tudo o que queria.

Também houve alguma surpresa na vitória de Olga Fikotova sobre a soviética Irina Beglyakova, no lançamento do disco. Era a medalha de ouro que a linda atleta tcheca sonhara como o primeiro prêmio de sua vida. Mas os soviéticos não chegaram a ficar tristes com a derrota de seus favoritos, Krivonozov e Beglyakova, porque, afinal, pela primeira vez um país superava os Estados Unidos em maior número de medalhas de



Elizbieta Krzeskiska, da Polónia, campeã da prova de salto em distância (6,35 m).



O grito da vitória na chegada de Betty Cuthbert (Austrália), na prova de 4 x 100 m.

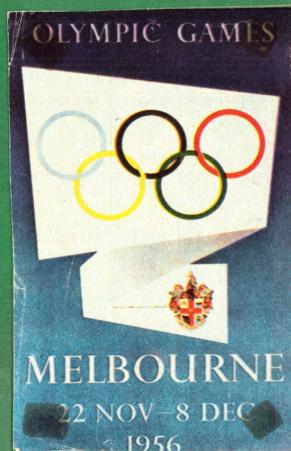
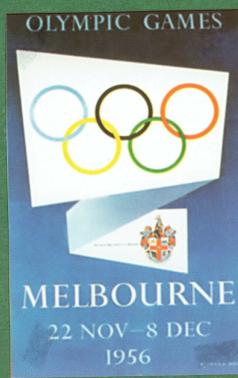
ouro (37 contra 32). Nem Connolly conseguiu, como supôs, tudo o que queria. Muito menos Olga Fikotova ganhou um só prêmio. A amizade entre os dois logo se transformou em romance, mantido mesmo depois dos Jogos Olímpicos, numa correspondência quase diária.

Em meados de 1957, Harold Connolly chegou a Praga, dirigindo-se pessoalmente ao presidente Antonín Zapotocky e pediu-lhe permissão para casar-se com Olga nos Estados Unidos. O historiador Jack Orr garante que Zapotocky, de início, foi contra a idéia: "Afinal, os tchecos não estavam ganhando um lançador de martelo, mas perdendo uma lançadora de disco. Mas a permissão foi dada, os dois se casaram e foram viver em Boston. Quatro anos depois, viajaram a Roma, representando os Estados Unidos nos Jogos Olímpicos, já que Olga se naturalizara americana. Desta vez, porém, os soviéticos os venceram.

O americano Harold Connolly (arremesso de martelo) e a tcheca Olga Fikotova (arremesso de disco) conheceram-se durante os Jogos de 1956, em Melbourne. Casaram-se quatro anos depois, nos Estados Unidos.



Paul Anderson (EUA) levanta 500 quilos: campeão dos pesos pesados em Melbourne.



MELBOURNE, 1956 O quadro de medalhas

País	Ouro	Prata	Bronze
1ª União Soviética	37	29	32
2ª Estados Unidos	32	25	17
3ª Austrália	13	8	14
4ª Hungria	9	10	7
5ª Itália	8	8	9
6ª Suécia	8	5	6
7ª Inglaterra	6	7	11
8ª Alemanha	5	9	6
9ª Romênia	5	3	5
10ª Japão	4	10	5
11ª França	4	4	6
25ª Brasil	1	—	—

Demais colocações: 12ª Turquia(7); 13ª Finlândia(15); 14ª Irã(5); 15ª Canadá(6); 16ª N. Zelândia(2); 17ª Polónia(9); 18ª AI. Oriental(7); 19ª Tchecoslováquia(6); 20ª Bulgária(5); 21ª Dinamarca(4); 22ª Índia(5); 23ª Noruega(3); 24ª México(2); 25ª Itália(1)

Obs: Os números entre parênteses indicam o total de medalhas conquistadas

A política causa problemas

Os Jogos de 1952 haviam marcado o início da guerra fria, com a divisão dos atletas em duas vilas olímpicas, a ocidental e a oriental. Mas foi em Melbourne, quatro anos depois, que as desavenças políticas interferiram de fato na Olimpíada. Países recusaram-se a participar e atletas de alguns que lá estavam, engalinharam-se, promovendo pancadarias que em raríssimas ocasiões haviam sido presenciadas na história olímpica.

Foi assim especialmente entre soviéticos e húngaros. A União Soviética havia invadido a Hungria após um levante popular, e este atleta internacional teve consequências fortes dentro da piscina olímpica da cidade australiana. Era a semifinal do pólo aquático e os invadidos, favoritos, tiveram que encerrar os seus jogos.

Para os húngaros, a hora de dar o troco à invasão ocorrida duas semanas antes. E eles já venciam por 4 a 0, quando o craque do time, Ervin Zador, foi deslesalmente atingido no superfície. Foi a gota d'água. Generali-

zaram-se os socos e cotovelos, até que a polícia de choque intercedeu. O Comitê Olímpico confirmou a vitória húngara, apesar da partida inacabada, e depois da Olimpíada metade do time vencedor — já com a medalha de ouro na mala — pediu asilo em países da Europa e nos Estados Unidos.

Foi um ano ruim. O Canal de Suez havia sido tomado por ingleses e franceses, o que provocou a desistência do Egito em participar da Olimpíada; o Líbano, causando omissão australiana no caso, também não foi a Melbourne; e finalmente a China completou a relação de abandonos, porque Formosa havia sido aceita como país independente. No meio de tanta confusão, o Brasil ganhou mais um ouro com Ademar Ferreira da Silva no salto triplo, enquanto Eder Jofre (que mais tarde se transformaria num dos maiores nomes do pugilismo mundial na categoria galo) teve participação insignificante no boxe.



Mimoun finalmente supera Zatopek

Emil Zatopek, a locomotiva humana, tinha 36 anos quando finalmente deixou de ser imbatível nas competições de longo curso, no atletismo. O fôlego, a resistência não eram os mesmos dos Jogos de 1952 (em Helsinque) e de 1948 (Londres). Foi só aí que o fundista argelino naturalizado francês, Alain Mimoun, realizou seu sonho de chegar ao ouro olímpico.

Naquelas olimpíadas anteriores, Mimoun havia sido derrotado por Zatopek, duas vezes na disputa dos

10 mil e uma nos 5 mil metros, esta última numa das mais emocionantes corridas já vistas. Faltava uma volta para o final, o argelino/francês era o líder, sentia o gosto da vitória, quando Zatopek disparou como se estivesse em início de prova e ainda conseguiu uma vantagem de 14 segundos.

Mas em Melbourne, a vingança se deu na maratona. Mimoun, também um veterano (35 anos), largou bem, forçando desde o iní-

cio, manteve a primeira colocação até o fim, e após cruzar a linha de chegada ficou esperando Zatopek, que só apareceria na sexta colocação. "Por que você não me dá os parabéns? Desta vez sou eu o campeão olímpico", disse o vencedor. Ao invés de uma resposta verbal, o tcheco tirou o boné, fez uma reverência a Mimoun e em seguida lhe deu um grande abraço. "Aquele abraço foi mais importante que a medalha", declarou o campeão à saída do estádio.